

E a Escola Normal? *Educação*

30 MAI 1985

**PAULO NATHANAEL
PEREIRA DE SOUZA**

A Escola Normal foi, no passado, um dos pontos altos, ao lado da Academia de Direito, do sistema educacional paulista. Caleiro de valores, criou ela, nas suas famosas unidades da Capital, de Campinas, de Piracicaba, de Pirassununga, de São Carlos, de Itapetininga, de Casa Branca, de Botucatu e de Guaratinguetá, a elite pedagógica, que, nas décadas dos vinte e dos trinta, reformou a educação do Estado e a elevou a estágios invejáveis de atualização, qualidade e eficiência. Muito do manifesto dos Pioneiros de 1932 e dos cursos pedagógicos da novel Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (fulcro da Universidade de São Paulo) saiu dos seus arraiais, quais marcos destacados da cultura brasileira, naqueles anos que já vão bem distantes.

Depois, foi a lenta decadência, que se agravou a partir dos anos sessenta, quando o ensino superior de Pedagogia se popularizou e tornou-se moda, até o golpe fatal que adveio com a Lei nº 5.692/71, cuja equivoca implantação nos sistemas de ensino liquidou no Brasil todo com Escolas Normais e Institutos de Educação, transformando os cursos de formação de professores em meras e irrelevantes habilitações de ensino de 2º grau, destípificadas e desprestigiadas. Em São Paulo, principalmente, esmerou-se a má vontade dos administradores contra a secular instituição, reduzindo os tradicionais Institutos de Educação a escolas comuns de 1º e 2º graus, sempre em nome desta palavra mágica, que tantas distorções tem amparado de tempos a esta parte: a pseudodemocratização do ensino.

A consequência de tantos desacertos aí está, a preocupar quantos honestamente se dedicam à análise dos males que afetam, hoje, a educação brasileira: não há mais educadores competentes para o ensino das séries iniciais do 1º grau; desapareceram os bons alfabetizadores; o professor dito pri-

mário pouco ou quase nada sabe de Pedagogia e Didática, e não mais carrega consigo a familiaridade das classes escolares, que outrora lhe infundia a longa e supervisionada Prática de Ensino. A escola de 1º grau não consegue chegar, com eficiência, ao objetivo maior para a qual foi criada: dotar o educando dos instrumentos básicos da cultura, a saber: ler, escrever e contar. (Há sempre quem me cobre a omissão do objetivo, "ensinar a pensar criticamente". De acordo, esse é um objetivo inerente a qualquer tipo de educação; ocorre que sem saber ler, escrever e calcular, ninguém poderá consistentemente exercitar seu pensamento crítico.) Aos analfabetos puros, que somam milhões na população brasileira, se acrescentam, ano a ano, os analfabetos funcionais, que não passam de semi-alfabetizados, com forte regressão de aprendizagem, por falta de fixação do que lhes foi mal ensinado nos anos iniciais de sua escolaridade. Como um cancro que fosse lançando suas metásteses por todo o organismo que afeta, a má qualidade do ensino de 1º grau repercute no de 2º e vai apresentar suas devastadoras mazelas no grau superior, configurando, num verdadeiro processo de causação circular, o triste panorama inicultural das novas gerações brasileiras, que aí estão vitimadas por um sistema educacional que perdeu a sua própria identidade.

Como as óticas predominantes dos críticos contemporâneos da educação brasileira oscilam entre o pedagogismo, o sociologismo e o historicismo, pode ser que de cima dos seus sofisticados referenciais teóricos, insistam em desprezar, como fator de importância nesse quadro de crise, o papel das falecidas Escolas Normais. E até acusem os defensores de sua resurreição, de serem sebastianistas impenitentes e saudosistas piegas.

No entanto, se é verdade que as soluções devem começar pela raiz dos males, nada mais natural que se busque indagar se

a destruição do ensino normal não tem muito a ver com o que ora acontece de ruim na educação nacional. Estou, pessoalmente, convencido de que tem e se alguém tiver que começar a consertar o desconserto que por aí campeia, não escapará de defrontar-se com a tarefa de repor o ensino normal no seu antigo prestígio.

É claro que não bastará levantar do túmulo aquela escola que há 40 anos passados ainda apresentava invejáveis padrões de eficiência. Os tempos mudaram, mudou a sociedade e aquilo que funcionou bem para os padrões de 1940, já não diz muito para um jovem dos anos 80. Certamente que a Escola Normal, que os tempos presentes reclamam, não se satisfaria com o pré-requisito de um curso completo de 1º grau, portado pelos alunos mestres, que nela se matriculassem. Há possivelmente que exigir algo mais, sobretudo na área da formação cultural básica, eis que, como curso de graduação de professores, a ênfase curricular de uma nova Escola Normal teria de se dedicar às matérias específicas, de natureza profissionalizante.

Se essa Escola, com tal exigência, já se assimilaria a um curso superior, não é causa de preocupar ninguém. Até porque, há de chegar o dia em que se perca neste país a mania de achar que, após um curso de 2º grau, tudo quanto se estude tem de ser de grau e nível superior. Na verdade, a nova Escola Normal deverá ser muito mais um estágio pós-secundário de estudos, sem necessariamente ser rotulado de superior. Até porque os cursos universitários de Pedagogia têm existido para outros fins e não propriamente para formar educadores para as séries iniciais do ensino de 1º grau.

Se me perguntarem se o restabelecimento do Ensino Normal é um saudosismo ou uma necessidade, não hesitarei em responder que é uma necessidade. E das mais urgentes.